

ANTROPOLOGIA, O HOMEM FORMADO PELA LINGUAGEM E A CULTURA

Kater Vinicius dos Santos¹
Fábio Gumieiro²

27

RESUMO: As ciências têm por princípio se guiar por um método e ter um objeto de estudo, de maneira que a pesquisa possa ser profunda e apresentar dados sólidos. Cada ciência possui sua complexidade própria, que faz com que seus pesquisadores criem métodos apropriados e novos paradigmas de estudo. A Antropologia tem por objeto de investigação o homem em sua complexidade biológica e cultural. Este artigo tem por meta apresentar sinteticamente o que é antropologia, seus métodos e subcampos e a formação do homem pela linguagem; o modo como ele compreende o mundo, e a cultura; a forma que um povo compreende suas ações. A metodologia deste trabalho é de caráter qualitativo bibliográfico e se fundamenta no livro de Roger M. Keesing “Antropologia Cultural: uma perspectiva contemporânea”.

Palavras-chave: Keesing. Antropologia. Cultura. Linguagem.

RESUMEN: Las ciencias tienen como principio guiarse por un método y tener un objeto de estudio, de modo que la investigación pueda ser profunda y presentar datos sólidos. Cada ciencia tiene su propia complejidad que hace que sus investigadores creen sus propios métodos y nuevos paradigmas de estudio. La antropología tiene como objeto de investigación el hombre en su complejidad biológica y cultural. Este artículo tiene como objetivo exponer qué es la antropología, sus métodos y subcampos y la formación del hombre por la lengua, la forma en que él entiende el mundo y la cultura, la forma en que las personas entienden sus acciones. La metodología de este trabajo es de carácter cualitativo bibliográfico y se basa en el libro de Roger M. Keesing “Antropología cultural: una perspectiva contemporánea”.

Palabras-clave: Keesing. Antropología. Cultura. Lenguaje.

¹ Frei Capuchinho. Bacharelado do segundo ano de filosofia da Faculdade Vicentina em Curitiba. Contato: katerkatuaba@gmail.com

² Bacharel em Filosofia, Licenciado em História, Especialista em História Contemporânea e Relações Internacionais e Mestre em Cultura e Sociedade.

INTRODUÇÃO

A formação conceitual do que é o homem, é o tema complexo de estudo da antropologia, visto, que este objeto de estudo, o homem, se manifesta de tantas formas dentro do tempo e do espaço.

O artigo com base na obra de Roger M. Keesing “Antropologia Cultural: uma perspectiva contemporânea” busca sintetizar os capítulos I “A abordagem antropológica”; II “Cultura e pessoas: alguns conceitos básicos”; III “Linguagem e comunicação”; e IV “Cultura e o indivíduo”, e tem por objetivo, apresentar uma introdução à antropologia, seus métodos e conceitos básicos. Seguindo para a formação do homem, que recebe influências da cultura, mas que também a modifica. Concluindo com o homem que compreende o mundo pela linguagem com uma perspectiva filosofia fundamentada na teoria da linguagem de John Locke em seu livro “Ensaio acerca do entendimento humano (1689)”.

1. ANTROPOLOGIA, CAMPOS E SUBCAMPOS

A antropologia em determinado momento da história foi conhecida como estudo de povos “primitivos”, entretanto ela vai além de uma pesquisa que se volta só para o passado, ela também abrange desde estudos especializados em biologia e evolução humana até ao estudo da vida social de povos contemporâneos, rurais e urbanos (KEESING, 2014, p. 20).

A antropologia etimologicamente significa o estudo do homem, e como ciência da humanidade, ela se preocupa em conhecer o homem em sua totalidade cientificamente, o que lhe confere três aspectos; primeiro de ciência social, enquanto se preocupa com o homem partícipe de grupos organizados; segundo de ciência humana, quando busca o homem como um todo, compreendendo suas crenças, costumes, ideias, história, linguagem, etc.; e terceiro de ciência natural, ao interessar-se pelo conhecimento psicossomático e evolutivo do homem (MARCONI, PRESOTTO, 2010, p. 1).

O homem por sua vez possui uma grande complexidade, resultando que a antropologia tenha que se dividir em subcampos, que se encontram em dois campos específicos, um sobre o caráter físico e biológico do homem, e o outro que se fixa nas manifestações do homem, no mundo, através das culturas, línguas, credos, etc. (KEESING, 2014, p. 22).

Em um grande departamento de antropologia não seria estranho encontrar um biólogo humano especializando-se nos ossos fósseis dos primeiros humanos; um arqueólogo escavando comunidades antigas no Oriente Médio; um linguista analisando a estrutura das línguas da África Ocidental; um folclorista estudando a mitologia dos inuítes; um especialista em parentesco e matrimônios na Nova Guiné; e um especialista em trabalhos rurais mexicano-americanos na Califórnia. Todos eles provavelmente teriam um doutorado em antropologia (KEESING, 2014, p. 21).

No campo da antropologia física ou biológica, o estudo é voltado para a natureza do homem, procurando conhecer suas origens e evoluções, estrutura anatômica, os processos fisiológicos e as diferenças raciais das populações humanas ao longo da história. Este campo se vincula às ciências biológicas e naturais, da zoologia, da anatomia, da medicina, etc.

O campo da antropologia física ou biológica se divide em paleontologia humana, que através dos fósseis estuda a origem e a evolução humana; somatologia, que se ocupa com a descrição das diferenças físicas e sexuais, tipos sanguíneos, adaptação; raciologia que se preocupa com a história das raças do homem; antropometria, que pela técnica de medição, enquanto processo quantitativo, fornece medidas do corpo humano; e por último um subcampo recente que se denomina estudo comparativos do crescimento, que estuda as diferenças grupais relacionadas aos índices de crescimento e outros aspectos como alimentação e exercícios físicos (MARCONI, PRESOTTO, 2010, p. 4).

No campo da antropologia cultural, o olhar se volta para o estudo de costumes humanos, com um método comparativo entre culturas e sociedades ao longo do tempo e em toda a terra. No século XIX e no começo do XX os antropólogos estudavam os povos tentando encontrar conexões históricas entre eles, para reconstruir os estágios da evolução das culturas humanas, como se todas elas tivessem em um processo de desenvolvimento para chegar em um ponto cultural comum (KEESING, 2014, p. 22).

O campo cultural da antropologia se divide em arqueologia, que estuda culturas do passado já extintas por meio de restos materiais e vestígios destas culturas, se dividindo em arqueologia clássica, que estuda civilizações letradas (Egito) e antropologia arqueológica, que pesquisa culturas que não possuem documentos escritos (culturas paleolíticas); etnografia que procura descrever de modo fiel e objetivo a vida das sociedades humanas simples, “primitivas” ou ágrafas e sociedades rurais; etnologia, que por meio dos dados da etnografia,

realizam comparações entre as culturas observando diferenças e semelhanças; linguística, estudo das línguas dos povos; folclore, que se define como estudo da cultura espontânea dos grupos humanos (MARCONI, PRISOTTO, 2010, p. 6). Outro subcampo é a antropologia social que tem por objeto central a busca por generalizações e teorias sobre o comportamento social das civilizações (KEESING, 2014, p. 22).

1.1 A CAPACITAÇÃO DO ANTROPÓLOGO E SEUS MÉTODOS DE PESQUISA

No início os antropólogos podiam ser facilmente distinguidos dos sociólogos e dos cientistas políticos por se preocuparem com os “povos primitivos”. A diferenciação entre eles hoje ocorre no campo de pesquisa. Os antropólogos trabalham com camponeses e urbanistas, em ambientes ocidentais, já os sociólogos, os cientistas políticos e outros cientistas sociais se voltam especificamente para povos não ocidentais. (KEESING, 2014, p. 23).

Os antropólogos, por sua vez, devido a sua formação acadêmica, possuem um vasto conhecimento acumulado sobre os povos ao redor do mundo, em virtude de fazerem parte da vida cotidiana deles, por meio de uma orientação humanista, dando a eles o poder de generalistas, cujo o conhecimento abrange as ciências sociais e biológicas. Os antropólogos são os especialistas profissionais no estudo das “naturezas humanas” (KEESING, 2014, p. 23).

O homem sempre teve curiosidade a respeito de si mesmo. Na idade Clássica, foram os gregos que mais reuniram informações sobre os diversos povos existentes. Neste sentido a Antropologia nasceu no século V a.C., tendo como “pai” a figura de Heródoto, um geógrafo e historiador grego. Entretanto, a antropologia só adquiriu a categoria de ciência no século XVIII quando Linneu, ao classificar os animais, colocou o homem entre os primatas (MARCONI, PRESOTO, 2010, p. 11).

Com a descoberta da fósseis humanos e restos arqueológicos no século XIX a Antropologia progrediu ainda mais. Ela se sistematizou como ciência, após Darwin ter trazido à luz, a teoria evolucionista, com a publicação de suas duas obras, a “Origem das espécies (1859)” e “A descendência do homem (1871)”. Estas obras deram a Antropologia Física um grande impulso e por meio dela surgiram os primeiros teóricos; Taylor, Morgan, Maine e outros. Já no século XX a Antropologia progrediu pelo constante desenvolvimento das pesquisas de campo, de caráter científico, incentivadas

por Franz Boas, que é considerado o “Pai da Antropologia Moderna” (MARCONI, PRESOTO, 2010, p. 11).

O trabalho de campo consiste na íntima participação do antropólogo em uma comunidade, para que esta seja observada e se possa verificar os modos de comportamento e a organização da vida social. O registro desse processo vivenciado é chamado de etnografia, que não se reduz a escrita, mas abrange fotos e vídeos dos momentos cotidianos. Normalmente o trabalho de campo tem duração de um ano ou mais, pois com menos tempo, a compreensão cultural ficaria truncada. (KEESING, 2014, p. 26)

[...], o antropólogo participa tão plenamente quanto possível na vida cotidiana de uma comunidade, bairro ou grupo. Essas pessoas passam a ser um microcosmo do total. Aprendemos seu idioma e tentamos aprender seu modo de vida. Aprendemos por observação participativa, vivenciando e vendo os novos padrões de vida. O trabalho de campo bem-sucedido é raramente possível em um período muito menor que um ano, especialmente quando um novo idioma e uma nova cultura precisam ser aprendidos (KEESING, 2014, p. 26).

Para Keesing (2014, p. 27), seria bom para o antropólogo, no trabalho de campo, tornar-se um bebê, que olha sem entender, ouve sem compreender os significados, sem poder fazer comparações com outras perspectivas. Mas o antropólogo já é um adulto, possui o conhecimento de um idioma e um modo padrão de pensar, perceber e agir, surgindo assim a necessidade de que o antropólogo tenha que organizar o conhecimento a partir de um modelo existente e interpretar as novas descobertas a partir de aproximações com experiências familiares.

A vida normal de um povo, no trabalho de campo, é interrompida por um estranho e estrangeiro, que é insaciavelmente curioso de coisas sagradas e pessoais. Por razões, que por vezes, não são compreendidas pela civilização que está sendo estudada. E os registros que vão para os cadernos do antropólogo, são as rotinas vivenciadas, pois o que antropólogo (etnógrafo) aprendeu a mais que o cotidiano empírico, irá ficar naquele território, por faltar termos melhores ou porque o que foi aprendido não pode ser captado pela palavra escrita. (KEESING, 2014, p. 28).

Além do trabalho de campo a antropologia tem diversos métodos de pesquisas, são eles; método histórico, que consiste na investigação do passado a fim de se compreender o presente, observando as mudanças ao longo do tempo;

método estatístico, que no campo biológico se preocupa com a variação populacional e no campo cultural as diversificações dos aspectos culturais; método etnográfico, que consiste no levantamento de dados sobre as sociedades ágrafas ou rurais de pequena escala; método comparativo ou etnológico, que verifica as semelhanças e diferenças biológicas (físicas) ou culturais (comportamental); método monográfico ou estudo de caso, onde o etnógrafo estuda um grupo humano sob todos os seus aspectos físicos e culturais; método genealógico, que permite o estudo de parentesco com as suas implicações sócias; e o método funcionalista, que procura compreender as culturas através das funções que realizam em relação com o todo (MARCONI, PRESOTO, 2010, p. 13).

Após breve compreensão de quem seria o antropólogo e seu trabalho, é necessário se aprofundar sobre o seu objeto de estudo, o homem. A complexidade deste objeto está em seu envolvimento em um determinado grupo social, que possui um determinado modo de pensar, se relacionar, agir, crer. Este conjunto de atividades que um indivíduo possui em igualdade, com sua sociedade, se denomina cultura.

2. CULTURA UM PROCESSO DINAMICO

Segundo Linton (1940 citado por KEESING, 2014, p. 35), cultura é “A soma total de conhecimentos, atitudes e padrões habituais de comportamento partilhados e transmitidos pelos membros de uma sociedade específica”. Cada indivíduo possui suas lentes culturais que lhe dão um olhar etnocêntrico sobre as outras culturas. Embora seja impossível tirar totalmente estas lentes para poder enxergar a realidade, é possível retirá-las parcialmente para verificar de modo crítico as limitações da própria cultura a qual se pertence.

Neste sentido o conhecer uma nova cultura é comparada por Keesing (2014, p. 38) ao entrar em um mercado desconhecido possuindo uma lista de compras, que seriam as estruturas da própria cultura. Neste novo mercado, será necessário várias voltas nos corredores para poder encontrar as coisas, que normalmente deveriam estar em determinados lugares, e que talvez não estejam. Para assim se compreender a complexidade do mercado, o cotidiano, e a distribuição dos objetos nos corredores, onde se encontram os valores próprios dessa cultura.

A marca cultural que cada indivíduo recebe funciona de modo eficiente, sendo em partes obscura ou inconsciente. Conta-se uma parábola antropológica,

na qual, um mulher búlgara estava servindo o jantar para um grupo de amigos de seu marido, e dentre eles havia um asiático. A mulher perguntou, após a primeira rodada, se alguém gostaria de repetir, pois deixar alguém com fome para uma anfitriã búlgara era algo ruim culturalmente. O único que aceitou uma segunda, terceira porção, foi o asiático, que na quarta caiu, pois para ele, era melhor a indigestão no seu país, que insultar a sua anfitriã recusando a comida oferecida (KEESING, 2014, p. 39).

Há um tipo de inconsciente coletivo cultural, no exemplo da mulher búlgara e do estudante asiático. Ambos não compreenderam que participavam daquele jantar, por meio de lentes culturais diferentes. Cada cultura é algo aprendido, que existe na mente de seus partícipes. Algo que não é facilmente descoberto por outros, que não possuem uma mesma visão e não conseguem pensar por meio dos mesmos valores, como uma chave de acesso para este mundo valorativo e simbólico (KEESING, 2014, p. 39).

Alguns antropólogos percebem a cultura, como um sistema de significados públicos, que existem antes mesmo do nascimento de qualquer indivíduo dentro daquele ambiente. Esta tese é contestada por Schwartz (1978, citado por KEESING, 2014, p. 40) por outra chamada “modelo distributivo de cultura”, onde cada integrante tem a capacidade de mudar os valores intrínsecos da própria cultura, pois cada indivíduo participa de seus ritos de forma diferente.

[...], o conhecimento do mundo organizado nas mentes dos indivíduos varia de pessoa a pessoa, de subgrupo a subgrupo, de região a região, e varia segundo a idade, o gênero e a experiência e perspectiva de vida. No entanto indivíduos compartilham um código comum, principalmente submerso sob a consciência, que lhes permite se comunicar, viver e trabalhar em grupos, antecipar e interpretar o comportamento um do outro (KEESING, 2014, p. 41).

A cultura comum que os indivíduos adquirem dão a eles a base para novas experiências e aprendizados, mas não os fazem produtos mecânicos invariáveis, pois o homem já possuem em si uma variação temperamental que influência em seu comportamento. Ele não está sujeito a natureza de sua cultura, e sim das condições históricas dela (GUSMÃO, 1997). Nesta mesma linha de pensamento se encontra Cohn (2001, p. 37) que verifica a necessidade dinâmica ao se pensar em uma cultura, não se pode limitar somente no fator tradição, mas perceber, também os sujeitos, em suas inovações, como um agente de mudança cultural.

Tompson (1981, citado por MARTINS, 2006, p. 117), compreende que para compreender o homem na história, dentro da cultura, se torna necessário não defini-lo somente pela teoria. É importante se ter um conhecimento do processo real do homem, na sua construção cultural. Esse processo se dá, pela experiência e pela autoconsciência que os indivíduos vão adquirindo, ao lidar, com a realidade, onde se deparam com o desemprego, a fome, guerra, nas relações com outros indivíduos, com a natureza, no trabalho, etc. E ainda que o meio, se apresente desfavorável e de motivos para, o sujeito querer fazer uma mudança em seu cotidiano, os indivíduos sempre lidam com suas consciências dentro de uma cultura. Esta construção social confere aos homens deveres, como o cuidado da família, valores religiosos e convicções civis. A modificação que o homem pode fazer por meio desses valores, revela sua limitação à cultura.

2.1 CULTURA E O INDIVÍDUO

Um das teses que influenciou as pesquisas sobre cultura e personalidade nos inícios do século XX se denominava determinismo cultural, na qual o bebê ao crescer em uma determinada sociedade é modelado por ela a partir da impressão da experiência cultural, que determinará seu comportamento como adulto. Para Gaines (1992, citado por KEESING, 2014, p. 72) a personalidade nessa visão é a “internalização” da cultura.

Segundo Spiro (1982, citado por KEESING, 2014, p. 74) acima dos códigos próprios da cultura que modelaram o indivíduo, há tendências humanas inatas, que dependem do aprendizado cultural para manifestar sua expressão. Neste sentido, em uma determinada cultura onde sentimentos como raiva tenham um valor negativo, sua expressão será minimizada. E em outras culturas onde falar do que se sente seja valorizado, este sentimento fará parte da vida cotidiana destes indivíduos.

Além da cultura que serve de base para as manifestações do indivíduo, há também nele sua personalidade, que é definida por Keesing (2014, p. 75), como um mundo psicobiológico que inclui o conhecimento, em grande parte inconsciente, do modo de vida de sua cultura. A personalidade dá ao indivíduo o sentimento de identidade, um sentido do “eu” em relação aos outros. Faz que ele possua desejos, objetivos e metas privadas, lhe conferindo uma inclinação a certo comportamento, que influenciará seu estado de saúde, nutrição, estresse ou relaxamento. Mas a personalidade não se refere a um

comportamento temporário, mas a integração psicológica do indivíduo em sua totalidade, física e cultural.

Existe no espaço cultural comportamentos que se manifestam como normais e outros como anormais, mas esta valoração é uma construção cultural e se torna uma dificuldade para se compreender a interação entre o indivíduo em sua sociedade. Se um esquizofrênico será dado por louco ou por profeta, dependerá da cultura que o recebe, e não exatamente de sua doença mental (KEESING, 2014, p. 77).

A cultura e a personalidade por sua vez, trazem a evidência da complexidade daquilo que seria o homem, como estuda-lo e descreve-lo em meio a um contínuo processo. O homem vê o mundo por meio de tendências e comportamentos, um tipo de estrutura lógica que o faz perceber a realidade a partir de uma construção simbólica valorativa, que para Gregory (1969, citado por KEESING, 2014, p. 78) se compreende como “modelos internos de realidade”.

Isto motivou o surgimento de uma antropologia que se aproximasse da psicanálise, na crença que o entendimento do id, ego, e superego poderiam iluminar os costumes e crenças dos povos. Há um pequeno problema no pensamento de Freud sobre a incapacidade de lidar conscientemente com os impulsos sexuais e agressivos. Para Freud, estes desejos são sublimados ou reprimidos pela cultura. Entretanto o controle cortical dos processos límbicos da sexualidade e agressividade, são um produto da evolução e não uma imposição cultural sobre a natureza humana, como assegurava Freud (DAMASIO, 1994, citado por KEESING, 2014, p. 86).

A compreensão que o indivíduo não só recebe passivamente a cultura, mas também a inova, por seu comportamento e personalidade, revelam a construção simbólica existente. Uma construção de caráter pública e outra privada. Na pública, se verifica, as atitudes de todos os indivíduos dessa cultura, que por vezes não possuem necessariamente pleno conhecimento consciente do que estão fazendo. Mas, que inconscientemente responderam assim, pois moralmente, nesta cultura, este modo de agir é considerado “normal” e “bom”. E no caráter privado, se refere aquilo que o sujeito faz para si, enquanto desejos, fantasias e sonhos. Entretanto, há uma interação nos indivíduos destas duas construções, a pública e privada. Dessa relação torna-se possível que um ritual privado adquira as propriedades da simbologia pública. Mas para que isto ocorra, este rito, deve ser transmitido e aceito por todos os membros dessa comunidade (KEESING, 2014, p. 90).

As mudanças se revelam até aqui em um tipo de processo interno, onde os partícipes de uma cultura particular atuam sobre esta estrutura pública modificações significativas, ainda que pequenas em relação a macroestrutura cultural. Mas existe, além desta relação privada e pública, uma outra influência que faz com que as culturas não fiquem paradas. Para Cohn (2001, p. 37) as culturas dentro da história se defrontam e se transformam, uma com as outras, por possuírem traços maleáveis e flexíveis. Elas só preservam pontos especiais que as diferenciam umas das outras.

A base da visão de mundo que o indivíduo possui é adquirido pela cultura, mas a afirmação dessa visão de mundo, se estabelece na mente do indivíduo, pelo modo de como ele o pensa. O pensamento por sua vez é uma construção linguística. E a antropologia, como a filosofia, buscam entender o homem por esta perspectiva.

3. LINGUAGEM

Os idiomas são um subsistema do conhecimento cultural, por possuírem cinco características intrínsecas, a saber; primeiro, eles existem antes de qualquer indivíduo, que nasce em uma comunidade e nela aprende o idioma, ou seja ele está entre os indivíduos e não neles; segundo, nem um indivíduo possui a totalidade das palavras de seu idioma; terceiro, os idiomas transcendem as versões individuais que as pessoas possuem quando incorporam pronúncias e usos gramaticais peculiarmente pessoais e que não fazem parte do idioma; quarto a maneira como o idioma muda parece ser independente daquilo que os indivíduos sabem e como eles o usam; e quinto, mesmo com a morte de todos os que falavam aquele idioma, ele continuará a existir por meio de livros e gravações, como no caso do latim (KEESING, 2014, p. 39).

É importante notar também, que na estruturação do idioma, entre todos eles, aparentemente possuem um mesmo *design* organizacional subjacente, o que leva a inferir que esta estrutura está baseada substancialmente, na organização e programação lógica do cérebro de todos os homens, em todas as culturas (KEESING, 2014, p. 40).

Seguindo tal estrutura lógica da linguagem, há outras características dela que ainda são misteriosas para antropólogos e linguistas; como a capacidade de produzir frases que nunca foram ouvidas; o ato de decifrar o significado das frases, algo que ocorre de maneira inconsciente e quase instantaneamente, mas

que quando é analisado é extremamente complexo; a aptidão para separar, o fluir do som de uma fala, em palavras específicas que possibilitam a compreensão (KEESING, 2014, p. 49).

Antropólogos e linguistas procuram entender como o conhecimento do mundo e a organização da linguagem estão inter-relacionadas; procuram saber como o homem entende sua “realidade”. É importante notar, que nos diferentes idiomas existem palavras para rituais e ideias, que não existem em outras culturas. Estas novas formulações surgem nestas culturas devido a necessidade de se explicar determinadas coisas; uma necessidade que abrange somente aquela cultura (LOCKE, 1987, p. 105).

Embora as línguas possuam uma *design* muito parecido, elas se diferenciam na maneira como as frases são compostas, na ordem em que as palavras, tais como o sujeito, verbo, predicado, e objeto direto ou indireto, vão aparecer nas frases. Também no modo como vão assinalar o tempo verbal. Por exemplo no latim é comum o verbo aparecer no final da oração “*Deus dominus mundi est*”³. Já no francês todos os objetos diretos ou indiretos indefinidos devem ser antecipados por uma partícula indefinida, que não existe no português o “du”, por exemplo “*je bois du lait*”⁴. Ou ainda, no francês na forma de se elaborar uma pergunta, onde o verbo irá antes do sujeito, como “Suis-je où?”⁵ (KEESING, 2014, p. 52).

Poderia se pensar que em uma Assembleia Geral das Nações Unidas quando um orador produz uma frase em francês, um tradutor, despe a frase, retornando-a a seu padrão lógico subjacente e depois a recodifica em russo. O processo ocorre da seguinte maneira; o tradutor ao ouvir a frase em francês ira descodifica-la através da estrutura lógica que possui por meio do seu idioma, no caso o russo. Ele vai interpretar a frase a partir de sua estrutura linguística profunda, que se refere a capacidade de entender aquilo que foi dito. Depois pela estrutura superficial, ele expressará a frase da maneira que ela seria dita, em sua língua (KEESING, 2014, p. 51).

Toda esta complexidade linguística revela o modo como o homem, interage com o mundo, que não é de maneira direta, mais intermediada, tanto pela cultura como pela linguagem. Para Keesing (2014, p. 55):

³ Deus é o senhor do mundo.

⁴ Eu bebo leite

⁵ Onde eu estou?

[...], podemos usar a maneira como os humanos interpretam a fala como um modelo mais geral da maneira pela qual a mente cria um mundo a partir da experiência sensorial: nós não vemos objetos, no sentido em que eles são apresentados como imagens na retina do olho, Nós vemos padrões de luz e cor e os usamos para criar objetos em nossas mentes. A percepção e o pensamento são processos criativos e construtivos. Com base nos modelos internos da realidade, modelos construídos em nossas mentes, construímos as coisas e eventos que vemos.

Para Locke (1987, p. 27) a experiência sensorial, se dá pela capacidade que os objetos tem de despertar sensações que são percebidas pelos cinco sentidos; tato, olfato, audição, visão e paladar. A experiência é direta, mas o conhecimento dessas percepções são uma elaboração da mente. Desta maneira, se compreende que o objeto só é aquilo que o homem define, devido a sua elaboração interna, como no caso da formação da linguagem, no modo como o homem pensa o seu mundo. O objeto é identificado por meio dos valores qualitativos que a cultura e o idioma lhe deram, ou seja, sua definição é uma elaboração.

3.1 COMUNICAÇÃO

Na filosofia de Locke (1987, p. 89), a linguagem, além de ser um método para se adquirir conhecimento, é o instrumento mais notável, que permite ao homem ser “social”, pois permite a ele falar das coisas que estão em sua mente, suas ideias e visão de mundo, como também expressar a realidade que vive que pode ser oculta a outros interlocutores.

Para a antropologia a preocupação com a comunicação se torna cada vez mais o foco de sua pesquisa, com o objetivo de se entender ação social da fala. Por exemplo, em muitos idiomas pronomes são usados para expressar formalidades e respeito, em relações verticais, de poder, como também, outros pronomes revelariam proximidade, quando a relação é horizontal, igualdade. No português o pronome “senhor” não só é direcionado para alguém que seja mais velho, mas igualmente para pessoas que merecem algum tipo de respeito, seja um padre, um professor, etc. (KEESING, 2014, P. 64).

Na comunicação os homens utilizam, além da fala, gestos, o que se denomina linguagem corporal, uma maneira mais sutil, entretanto tão complexa quanto a compreensão de linguagem e cultura. Um espasmo em um olho pode ser considerado uma piscada, um tipo de flerte, quando na verdade é uma

contração muscular causada por estresse. Keesing (2014, p. 65) dá um exemplo de linguagem corporal dos americanos:

Os americanos se envolvem em uma espécie de envelope de espaço privado, uma espécie de saco de plástico invisível. Esse espaço é normalmente inviolado na interação cotidiana. Tente, por exemplo, ao falar com uma pessoa, chegar mais e mais perto dela; você verá que elas se afastam de você para preservar seus envelopes íntacos. [...] Mesmo em um ônibus ou trem de metrô repleto, quando nossos envelopes ficam todos esmagados, fazemos esforços consideráveis para afirmarmos uns aos outros que não estamos realmente invadindo seu espaço privado; despersionalizamos a proximidade física olhando para o alto, lendo jornais ou coisas semelhantes [ouvir música ou mexer no celular].

Há na comunicação regras que as vezes são claras e outras vezes inconscientes, que são dadas, às vezes, pelo idioma e cultura, ou pela inovação do indivíduo. Isso dificulta generalizações sobre uma possível cultura brasileira, se com isso se compreender um comportamento igual para todos os brasileiros, como se todos entendessem e participassem de todos seus símbolos culturais de uma mesma maneira, não só empiricamente como conscientemente (KEESING, 2014, p. 66).

Por este motivo fica claro a necessidade de se entender a cultura e a linguagem como um conhecimento distributivo entre os indivíduos. Tal entendimento dá para a antropologia a difícil tarefa de compreender o homem como um objeto que não é estável, mas que está submerso em suas estruturas biológicas e culturais ao longo do tempo e do espaço.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem, como objeto de estudo da Antropologia, possui uma abrangente diversidade no tempo e no espaço, pois além das próprias mudanças ocorridas pelas relações com o meio ambiente de natureza biológica, possui também a complexidade de sua cultura repleta de signos valorativos com os quais interpreta o mundo e a linguagem, que o faz descrever, pensar e postular sobre sua realidade.

A cultura por sua vez é um conjunto de ações e pensamentos que o sujeito possui, que dão as bases para um comportamento normal, ou anormal,

como também permitem ao sujeito o modo que ele pode se manifestar em determinados ambientes, aquilo que é bom ou mal. Todas as culturas estão em um contínuo processo de mudança, devido aos seus próprios indivíduos que a modificam através de suas subjetividades fazendo pequenas mudanças, como também no mundo globalizado através do conhecimento dos diversos povos, onde as culturas vão adquirindo novos padrões de comportamento e gosto, revelando que a cultura não é uma estrutura terminada, mas mutável.

Os diversos idiomas possuem uma estrutura um *design* comum, um tipo de lógica subjacente, mas que se diferenciam na elaboração dos discursos, nas construções das frases. Tanto os idiomas quanto as culturas revelam intrinsecamente os diversos modos de entender a realidade, e perceber como o homem se percebe dentro deste conjunto. Cabe aos antropólogos buscarem entender o que é o homem em toda sua biodiversidade e cultura.

REFERÊNCIAS

COHN, Clarice. Culturas em transformação: os índios e a civilização. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 36-42, janeiro de 2001.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de et al. Antropologia e educação: origens de um diálogo. **Cadernos Cedex**, Campinas, v. 18, n. 43, p. 8-25, dezembro de 1997.

KEESING, Roger M. **Antropologia Cultural**: uma perspectiva. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOCKE, John. Ensaio acerca do entendimento humano. In: _____. **John Locke**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. 9v. (Os pensadores).

MARCONI, Maria de Andrade; PRESOTTO, Zelia Maria Neves. **Antropologia cultural**: uma introdução. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Suely Aparecida. As contribuições teórico-metodológicas de EP Thomp-son: experiência e cultura. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 113-126, ago./dez. 2006.